



Entrevista com Mary Jane Tweedie de M. Gomes

Entrevista: Vicente Fonseca

Fotos: Marcelo Pires

Transcrição e revisão: Nicole Maciel

Ao longo de mais de quatro décadas de atuação na Faculdade de Veterinária, Mary Jane Tweedie de Mattos Gomes virou um símbolo de dedicação e paixão à extensão universitária na UFRGS. Além da participação em todas as 25 edições do Salão de Extensão (1999 a 2024), a docente tem 90 Atividades de Extensão registradas em sua trajetória na Universidade — isso sem falar em suas participações como membro da Comissão de Extensão de sua unidade e da atuação como vice-presidente da Câmara de Extensão, exercida duas vezes neste período. Nessa entrevista, além de curiosidades sobre seu começo de carreira e de abordar o quanto a extensão evoluiu desde que ingressou como professora na UFRGS, Mary Jane nos conta, com o seu característico entusiasmo e brilho no olho quando fala deste assunto, o quanto o envolvimento com a extensão mudou sua carreira e até sua personalidade — considerava-se muito tímida antes de se tornar extensionista.

Revista da Extensão: Como surgiu seu envolvimento com a extensão universitária?

Mary Jane: A extensão sempre esteve presente na minha vida, porque tive um professor que a trabalhava junto à pesquisa e ao ensino. Fui praticamente criada nesse ambiente de ir até as propriedades e conversar com as pessoas. Depois que comecei a trabalhar com a Emater, desenvolvi vários projetos de pesquisa que também envolviam extensão. Para mim, nunca houve separação

entre os três pilares da universidade — sempre caminhamos juntos. Inicialmente, meus alunos que participavam da pesquisa também faziam extensão e apresentavam seus trabalhos tanto no Salão de Iniciação Científica quanto no de Extensão, cada um com seu enfoque. Depois, esses eventos passaram a ocorrer concomitantemente, e isso não foi mais possível. Hoje, muitos alunos que desenvolvem atividades de pesquisa e extensão estão apresentando seus trabalhos em outros espaços, como congressos e eventos estaduais de iniciação científica.

Revista da Extensão: O seu começo como extensionista coincidiu com os primeiros passos da extensão aqui na Universidade, não?

Mary Jane: Sim. Comecei com a extensão antes mesmo de ela ser formalizada. Os projetos eram feitos no papel, escritos à mão. Tenho alguns desses ainda guardados. Não havia bolsa na época. Os alunos trabalhavam conosco “por amor”, sem bolsa de iniciação científica, e sabiam que teriam que se envolver de fato. Participei da primeira comissão formal de extensão aqui e fui coordenadora. Fizemos um site da comissão e começamos a organizar tudo de maneira diferente. Antes, havia apenas um representante da faculdade — hoje, temos uma comissão com dois representantes de cada departamento e um técnico-administrativo, que costumo chamar de técnico-científico. Sempre achei que a extensão precisava ser documentada. Muitas vezes, íamos

a campo, fazíamos atividades e não registrávamos nada. Participei de várias comissões ao longo dos anos, alternando períodos. Também fui vice-presidente da Câmara de Extensão por oito anos. Inclusive, quando fiz minha promoção para professora titular, o principal ponto da minha trajetória foi justamente a extensão. Sempre defendi a importância da extensão, mesmo quando não era muito valorizada. Dizia que um dia isso ia mudar, e agora vejo que está mudando.

Revista da Extensão: A Faculdade de Veterinária tem tradição em extensão, inclusive com uma mostra própria...

Mary Jane: Sim. A ideia era treinar os alunos. No início, fazíamos aqui mesmo, chamávamos de "salãozinho", mas não havia documentação dos projetos nem da produção. Então, resolvemos criar os anais. Tenho os anais de 2017 e depois de 2018. Em 2019, continuamos com esse processo de formalização, eu e o professor André (André Dalto, docente na unidade). Depois veio

a pandemia, nosso mandato acabou, e a comissão seguinte decidiu os rumos. Voltamos em 2023. Eles ficaram à frente até o início da pandemia, por dois anos. Depois, produzimos o quarto e o quinto volume dos anais. Finalizamos nosso período agora em maio. Produzimos um relatório com as ações dos dois anos e apresentamos no Conselho da Unidade. Toda a comissão foi renovada agora. Esperamos que a nova comissão continue com a Mostra de Extensão, mas cada grupo decidirá seus rumos. São muitas décadas de tradição extensionista aqui.

Revista da Extensão: Desde quando você acompanha isso?

Mary Jane: Estou aqui desde 1982 — são 43 anos. Nesse período, houve muitas mudanças no perfil dos estudantes.

Revista da Extensão: Quais foram essas mudanças? Como isso impacta a formação dos futuros veterinários?



Mary Jane: Quando comecei a lecionar — até mesmo antes, como aluna — a maioria dos estudantes vinha da zona rural. Cerca de 99% eram de lá. Poucos eram da cidade, e a maioria era de homens. Hoje, há mais mulheres do que homens. Isso nos levou a adaptar algumas abordagens em sala de aula. As mulheres exigem um cuidado diferente, mais sensibilidade. Também procuramos levar mais os alunos para as propriedades. Temos aqui a ETA, e também a Estação Experimental de Rincão dos Ratos, onde já realizamos dois projetos. Agora, em agosto, faremos uma atividade com os

produtores da região. Minha extensão sempre esteve ligada à comunidade ao redor do campus, mas já realizei trabalhos em São Gabriel, Dom Pedrito, Bagé — sempre levando os alunos. Temos muitas aulas práticas, e uma das disciplinas que ministro é essencialmente prática. Isso ajuda os alunos a verem o lado real das coisas. Muitas vezes, em sala, passamos o ideal, mas nem sempre é o que encontram na prática.



No meu caso, o laboratório é o fim do processo. Antes, é preciso conhecer a realidade, conversar com as pessoas. Temos um desafio no curso de Veterinária: ele é muito técnico. Muitos alunos têm dificuldade em lidar com os tutores dos animais ou com os produtores. Falar com um produtor rural exige uma abordagem completamente diferente. Hoje, as mulheres têm mais espaço, mas no início era difícil. Quando eu ia a campo, queriam que eu ficasse na cozinha tomando café com as esposas dos produtores, enquanto o motorista da faculdade fosse cuidar dos animais (risos).

Agora, as coisas estão mudando. Os produtores respeitam mais as mulheres.

Revista da Extensão: Esse contato com a comunidade exige também um processo de conscientização do produtor, né?

Mary Jane: Sim, eles não estavam acostumados com mulheres veterinárias. Aos poucos, foram aprendendo como lidar e respeitar.

Revista da Extensão: Por que tu achas que esse universo era tão masculino algumas décadas atrás?

Mary Jane: Para que vocês tenham ideia, alguns alunos meus, na segunda-feira, vinham de bombacha e faca na cintura. E eles entravam em aula, com quase dois metros de altura. A gente passou por um tempo em que esse pátio aqui só tinha o carro do ano, e era dos alunos. Hoje, a gente vê uma realidade completamente diferente. Mas, na época, inclusive, eu quando estudei, eu era da classe média. Mas eu tinha alunos, alunos, meus colegas, eram fazendeiros riquíssimos. Os pais compravam apartamento pra eles aqui.

Revista da Extensão: E como é que foi essa mudança de perfil, assim, tão brusca? Foi com as cotas?

Mary Jane: Não, já começou antes. Eu não sei

se é porque as meninas, em geral, estudam mais, não sei. Outra coisa que mudou também é o perfil do que eles buscam aqui. Quando eles vinham pra cá, depois iam para o interior, voltavam para casa e trabalhavam lá. Inclusive, vocês ouviram falar da Lei do Boi? Era um projeto de educação que permitia que filhos de fazendeiros não precisassem fazer vestibular. Porque a ideia era a seguinte: eles vinham pra cá, estudavam e depois voltavam para o interior para levar o conhecimento e atender a população lá. A ideia era essa, o objetivo era bom. Só que eles vinham pra cá, e só queriam estar em festa, né? E não queriam voltar. Custavam a se formar e não queriam voltar. Quando comecei a dar aula eu tinha 26 anos, era muito nova ainda, e tinha alunos que eram mais velhos que eu. Mas, claro, também tive alunos muito bons nessa época. Mas outros ficaram 20 anos aqui, ocupando espaço.

Revista da Extensão: Estudaste aqui também?

Mary Jane: Sim, estudei.



Revista da Extensão: Foste colega dessa turma? Colega e professora?

Mary Jane: Realmente, eu fui colega de alguns também. E depois se formaram muito depois de mim. Mas, enfim, o perfil aos poucos foi mudando. Começou a vir mais gente daqui de Porto Alegre. Então, começou a mudar também o perfil do aluno, o que ele precisava. A gente começou a se modificar. Hoje, a gente tem outra demanda aqui que nós não tínhamos, que é alunos com algumas deficiências que, pelo menos, não eram detectadas na época, com os recursos que tínhamos. Hoje a universidade está oferecendo curso para nós, professores, nos capacitarmos, o que é importantíssimo. E isso me fez refletir muitas vezes: será que eu não julguei mal algum aluno anteriormente? Porque ele não tinha diagnóstico na época.

Revista da Extensão: A gente atua com as ferramentas que tem...

Mary Jane: Eu sempre me preocupei com o aluno. Muitos vinham conversar comigo. Porque era muito jovem, mais próxima deles. Eu fui mudando conforme a rotina. Hoje, a gente está estimulando o pessoal a trabalhar. Os veterinários trabalham na zona rural. Muitos não querem, se acomodam, querem ficar no ar-condicionado,



trabalhando no hospital. Mas tem outros que até gostariam. Quando renovam os bolsistas, eu sempre pergunto: “O que é que tu gostas mais?” Pergunto para ver, direcionar para aquele tipo de trabalho que eu estou fazendo. E uma aluna me disse: “Olha, eu não posso dizer que eu não gosto de uma coisa que eu não estou acostumada, então vou lhe responder o que eu estou acostumada: é com o cachorro, com o gato que eu tenho em casa. Mas eu não conheço nada da zona rural. Não conheço de vaca, de cabra”. Daí eu digo: “Então, tu vais trabalhar comigo com cabras.” Levei. Nas primeiras vezes, ficou assustada, né? Porque não conhecia. Mas, aos poucos, vai conhecendo. Hoje, eu dou aula também em uma disciplina que se chama Extensão e Comunicação, que é do final do curso. Essa disciplina foi criada porque a gente viu que os alunos não conseguiam se comunicar. Termos técnicos são importantes, mas quando tu chegas para o produtor ou para o tutor, tu tens que falar numa linguagem que eles entendam.

Revista da Extensão: A função da extensão é essa?

Mary Jane: É exatamente essa.

Revista da Extensão: Saber se comunicar com a comunidade?

Mary Jane: Sim. Exato. Essa é uma das coisas que ainda temos bastante dificuldade aqui na faculdade, porque não estamos acostumados. WO que acontece? Os alunos ficam ouvindo sempre: “Ah, só é importante pesquisa, pesquisa, pesquisa.” Falam que os tops são aqueles que participam de iniciação científica, ganham prêmios e tal. E isso vem muito do professor, que estimula esse caminho. Mas, quando mostramos a extensão, mostramos que o aluno vai ter contato direto com as pessoas. Com esse contato, ele pode até formar um diagnóstico. Quando você chega até os produtores rurais, por exemplo, eles sempre oferecem um cafezinho. Tentam romper barreiras. E é preciso conversar. Como é que alguém vai

chegar lá dizendo: “Eu sou bom, sei tudo”? Não é assim. A gente aprende com o tempo. Quando nos deslocamos, sentimos insegurança. Isso é normal. Mas é preciso saber ouvir quem está lá. Essa pessoa vai te dar os subsídios para formular um diagnóstico depois. É essa a interação. Eu sempre dou como exemplo alguém da extensão. Quando a pessoa gosta de extensão, se envolve, isso transparece. Se tu és entusiasmado, tu passas isso para o aluno. E tem que insistir. Eu tinha um professor que era coordenador da graduação e que estava na Câmara de Extensão. Eu dizia: “Agora que vai ser o novo currículo, tu tens que colocar a extensão.” Sempre que encontrava com ele, dizia: “Tu estás esquecendo de colocar a extensão. É obrigatório!” Ele dizia: “Ah, não, vou fazer isso quando der. Não aguento mais te ouvir falar nisso!” (risos). Mas é assim: tem que semear. Alguns não identificam logo, outros sim. Quando fazemos uma mostra de extensão em que os alunos fazem um resumo, isso ajuda depois, pois tudo estará registrado. Quando eles se formarem e quiserem fazer uma residência, isso vai contar pontos. Eles ganham protagonismo, porque apresentam um banner, ficam ao lado para responder perguntas. Eles pensam: “Legal isso, estou sendo visto. Estou aprendendo a escrever um resumo.” Então é isso: ao invés de brigar, a gente semeia. E toda vez que faço um trabalho de extensão, aprendo algo que melhora também minhas aulas. Posso trazer esse conteúdo para os alunos, com base na experiência real que tive. Então, sou uma fã.

Revista da Extensão: Como é que tu despertaste esse interesse pela extensão? Quando foi isso?

Mary Jane: Como falei no início, o professor Cabral já fazia esse trabalho. Eu queria muito fazer pesquisa, sempre fui muito tímida – hoje já não sou mais. Os alunos me mostraram que eu poderia mudar. Queria fazer pesquisa, mas não sabia como chegar até os lugares.

Comecei a buscar empresas que trabalhavam com extensão rural. Conheci algumas pessoas e falei: “Quero fazer uma pesquisa, mas preciso

de ajuda, não sei nem como chegar”. Então, fui indo, começaram a me convidar para dar palestras, fazer “dia de campo”... Trabalhei muito em Vacaria, por exemplo, com produtores que tinham várias demandas. Eles me pediram para falar sobre verminose em bovinos, outro professor falaria sobre bactérias. Passamos o dia com eles, conversando em roda. Depois disso, outros começaram a nos chamar para outras localidades. Esse contato me agradou muito. Eu estava aprendendo. Tinha que me preparar bem, já que muitas vezes não tinha projetor, nem luz. Tinha que saber como “vender meu peixe”. A receptividade deles era muito boa, diferente do que encontramos em algumas comunidades urbanas.

Na zona rural, eles são acolhedores. Já nas comunidades urbanas da região metropolitana, nem sempre somos aceitos. Tem que ser no horário que eles querem.

Revista da Extensão: Qual a consequência dessa diferença de perfil?

Mary Jane: Não sei. Às vezes, temos um projeto maravilhoso, mas aquela comunidade não quer. Daí vem a frustração: “Mas estava tão bom!”. Sim, estava bom para nós, mas não para eles. Lembro de um projeto com a prefeitura, para castração de animais. Minha colega, mais jovem, pediu que eu fosse junto porque não era respeitada por ser nova. Nas primeiras visitas, eu ia, conversava, depois ela seguia com os alunos. Hoje ela já tem mais de 40 anos, acho que isso passou. Mas tivemos dificuldades. A comunidade, por exemplo, pensava: “Por que a universidade está aqui? Eu não pedi”. Chegávamos às 8 da manhã, mas eles ainda estavam dormindo, pois haviam trabalhado à noite. Havia tráfico de drogas intenso em volta também. Então, estimulávamos os alunos a irem cedo, mas não podíamos entrar naquela hora. Era preciso identificar os líderes locais – homem ou mulher – para conseguir o acesso. Na zona rural também se identificam líderes, mas ali era diferente. Eles não te acolhem com um cafezinho, como no campo. Mas vamos

nos acostumando. Na disciplina de Instituição e Comunicação, procuramos mostrar isso aos alunos: cada um tem seu papel. Tu podes brilhar, se quiser, mas junto com os outros. Tem que ser em equipe. Nas nossas aulas de extensão, não fazemos aula expositiva. Aprendi isso com o tempo, com a Emater e outras instituições. Temos que semear. A ideia dos anais vem dessa semente. Queremos atrair quem é só da iniciação científica ou da pesquisa para também fazer extensão. Como? Eles já estão acostumados a fazer resumo e apresentação em congressos. Se faço os anais, eles terão que escrever o resumo, e isso valerá pontos para eles. O professor também ganha pontos por publicar. É um estímulo. Agora os alunos já me perguntam sobre a próxima edição – que seria a sexta. Mas eu saí da comissão. Se me procurarem, eu ajudo, claro.

Revista da Extensão: Você está há 43 anos dando aula e fazendo extensão. Participou de muitas comissões, da CAMEX. Acredito que todos os Salões, ou quase todos?

Mary Jane: Todos! Sabe que eu ganhei uma homenagem na edição de 25 anos, ano passado? Fiquei muito emocionada. 20 anos! Eu achei lindo!



Revista da Extensão: Claro! Fomos nós na PROEXT que organizamos! (risos).

Mary Jane: Fiquei muito emocionada mesmo. Sempre gostei de participar.

Revista da Extensão: Como você vê a evolução da extensão na UFRGS e nos congressos ao longo desses 25 anos de Salão e dos seus 43 de universidade?

Mary Jane: Mudou bastante.



Revista da Extensão: Hoje há uma compreensão mais clara sobre o que é extensão?

Mary Jane: Ainda tem muita gente que não entende. Muitos pensam que quem faz extensão é enrolado, que não quer trabalhar. Fomos tentando mostrar que não é assim. Fui até para congressos no Uruguai e na Argentina com o ônibus da universidade. Sempre saio com meus alunos para as propriedades com a camiseta da extensão – azul, laranjinha, várias cores. No início, as pessoas não sabiam o que era. Algumas ainda não sabem. Antes, nem havia ata nas reuniões. A primeira comissão formal aqui foi em 1996. Os projetos chegavam à Pró-Reitoria em papel, sem registros adequados.

Revista da Extensão: Até 2002, quando o Sistema de Extensão foi colocado no ar...

Mary Jane: É, foi uma maravilha esse sistema. A gente escrevia o projeto de extensão, depois fazia o relatório. E outra coisa, não contava nada para progressão antigamente. Para professores conta bastante agora. E foi uma luta. As pessoas agora já têm essa preocupação em fazer extensão. Eu acho que a extensão é maravilhosa. Porque eu gosto, claro. Mas se me dissessem alguns anos atrás que eu ia conseguir

me relacionar bem, especialmente com o público, eu ia achar difícil. Porque eu era extremamente tímida. E eu entrei para a faculdade pensando em ser pesquisadora. Eu ia ficar fechadinha num canto. Mas aí comecei a conviver com os alunos, e isso foi fazendo com que eu estivesse vendo outras oportunidades. Eu acho

que quando tu te apaixonas por alguma coisa, tu passas isso para as pessoas que estão ao teu redor.

Tu vê aquela pessoa e pensa: “por que ela gosta tanto daquilo?”. Então a pessoa vai começar a se envolver, né?

Revista da Extensão: Por fim, tens alguma mensagem que tu queiras deixar para os leitores da *Revista da Extensão*?

Mary Jane: Eu acho que a mensagem é que a gente tem que semear. Como temos aqui um curso extremamente técnico, temos que passar essa mensagem de que os alunos precisam também saber se comunicar para fazer essa interação com as pessoas. ◀